

929



CONCERTOS
POPULARES

no

COLISEU DOS RECREIOS

promovidos pela

CÂMARA MUNICIPAL
DE LISBOA



ABRIL ~ OUTUBRO
DE 1946

CONCERTO POPULAR

no

COLISEU DOS RECREIOS

promovido pela

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

com a

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

e a colaboração da

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

Direcção do maestro

FREDERICO DE FREITAS

Ensaaiador de Coros Prof. JAIME SILVA

Segunda-feira, 15 de Abril de 1946, às 21,45

PROGRAMA

I PARTE

I—Genoveva (abertura da ópera) SCHUMANN

(1.ª audição)

II—Canto do Advento SCHUMANN

para soprano solo, coro e orquestra

(1.ª audição)

SOLISTA:

MARTA THOMAS

III—Invocação dos Lusíadas VIANNA DA MOTTA

para coro e orquestra

II PARTE

IV—Nona Sinfonia (op. 125 em ré menor) BEETHOVEN

com coro final sobre a ode à Alegria de Schiller

- a) — Allegro ma non troppo, um poco maestoso
- b) — Molto Vivace
- c) — Adagio molto cantabile
- d) — Final

SOLISTAS:

**JULIETA SILVA SANTOS, FERNANDA COELHO,
DR. LOUREIRO DINÍS E JOSÉ EURICO LISBOA**

NOTAS EXPLICATIVAS

ROBERTO SCHUMANN

(1810 — 1856)

«GENOVEVA», abertura, Op. 81

«CANTO DO ADVENTO», cantata, Op. 71

Roberto Schumann, nascido em 8 de Junho de 1810 em Zwickau (Saxónia), é um dos mais célebres músicos do romantismo musical. Como orientador da sua geração dirige a luta dos artistas progressivos (partidários de David) contra os Filisteus, representantes da música trivial e antiquada. Como crítico musical funda a Revista de Música onde a par de artigos de dura crítica saúda os novos valores como Chopin e Brahms. Relacionado com os meios literários da época viveu durante certo tempo em Heuleberg onde conheceu Brentano e Arnim. A influência literário-musical de Hoffman e Jean Paul é também muito acentuada sobre Schumann.

Na sua obra destacam-se os gemas Liedes, canções em que as partes de piano têm um valor muito grande realçando as poesias que servem, a par de sinfonias, aberturas, três quartetos de cordas, um concerto para piano e orquestra, um concerto para violino e orquestra, grandes obras corais sinfónicas, maravilhosas obras para piano e uma ópera, Genoveva (1847-1848), de que hoje ouvimos a abertura.

Fora sempre projecto de Schumann escrever uma ópera alemã. Em 25 de Junho de 1848 estreou-se em Lépzia a Genoveva que embora acolhida sem grande êxito foi anos depois calorosamente aplaudida. A sua abertura é frequentemente ouvida em todo o mundo em concertos sinfónicos como modelo perfeito do estilo sinfónico de Schumann.

A cantata Canto do Advento composta sobre um poema de Ruckert preciosamente traduzido para a nossa língua pelo ilustre musicólogo e polígrafo Dr. Francisco Fernandes Lopes que à Sociedade Coral de Lisboa tem dado inestimável colaboração, pode ser dada como exemplo do estilo coral-sinfónico de Schumann em obras de pouca extensão. A parte coral comporta um soprano solista, curta intervenção dum quarteto solista e um coro a cinco vozes.

Embora já várias vezes divulgadas entre nós é interessante para os portugueses lembrar mais uma vez que a grande cultura literária do autor do Canto do Advento não escapou a beleza de alguns versos do grande Gil Vicente, Schumann musicou a duas vozes, em traduções do poeta alemão Geibel Del coral venço, mi madre (Von dem Rosenbusch, do Triunfo do Inverno) e

Si dormis, doncella (Und Schlaefst du, da farsa Quem tem farelos) e para uma voz e piano Muy graciosa es la doncella (Owie lieblich ist das Maedchen do Auto da Sibila Cassandra) e Sañosa está la niña (Weh, wie zornigist ist das Moedchen do mesmo auto). Estas duas últimas são de fácil leitura para os que por elas se interessarem pois estão publicadas pelo Ministério da Educação Nacional no volume que em 1937 consagra o centenário do genal fundador do teatro português.

José Blanc de Portugal.

COROS CANTO DO ADVENTO

(Friedrich Rückert)

O teu rei vem com trajes pobres,
humilde jumentinho o trat...
Recebe-o bem, Jerusalém;
Sai-lhe ao encontro, em paz, com palmas,
juncando o chão com verdes ervas,
— que isso ao Senhor agradará!

Oh! poderoso herói sem tropas,
Valente lutador sem lança,
Oh! rei da Paz, de gran poder!
Pretendem os senhores da Terra
harrar-te a via para o trono...!
mas té-lo-de sem batallas!

Não é teu reino desta terra,
porém da terra, os reinos todos,
servos serão do que fundares.
Palavras só, de Fé, levando
p'lo mundo fora, aos quatro cantos,
teu bando irá, far-te-á caminho.

E, onde tu houver's chegado,
aquietam-se do mar as ondas
e cede a fúria à tua voz.
Tu vens, por sobre as fúrias trilhões
da Vida, erguer aliança nova
e agrihoar Pecado e Morte.

Senhor de Graça e Lealdade!
Oh! vem de novo e dá-nos vida,
a nós, que estamos destrocados!
Forçoso é, já, que até nós desças...
Vem e renova a tua paz:
— 'stá contra ti o Mundo infiel!

Deixa a tua luz vencer na Terra,
fazendo assim cessar as trevas
e a discórdia dissipar-se!
E, irmãos os povos e os tronos,
na grande casa de teu Pai!

(Versão do Dr. Francisco Fernandes Lopes)

JOSÉ VIANNA DA MOTTA (1868)

«PROPOSIÇÃO DOS LUSÍADAS» Op. 19

José Vianna da Motta a mais justamente venerada figura da música portuguesa nos nossos dias, nasceu em 22 de Abril de 1868 na ilha de S. Tomé. Pianista, compositor, professor eminente e musicólogo ilustre pode incluír-se, sem favor de qualquer espécie, entre as grandes personalidades que honraram a música e o seu país para além das fronteiras.

Como musicólogo publicou na Alemanha importantes estudos sobre Hans von Bülow, Liszt, etc.. Em Portugal além de outros artigos, publicou Músicos e Música Alemã e uma biografia de Liszt (de quem foi discípulo) que por todos merece ser lida.

Como pedagogo formou uma brilhantíssima pleiade de pianistas portugueses que seguem honrosamente as brilhantes lições do grande Mestre.

Como pianista os seus sucessos são inúmeros. A sua fama é tamanha que o grande Busoni lhe dedicou as suas magníficas transcrições de corais de Bach, Bach e Beethoven tocados por Vianna da Motta (para nos limitarmos em citações) são interpretações modelares para qualquer pianista.

Como compositor além de várias peças para piano, canções, uma grande sinfonia (A Pátria) sempre impregnadas de espírito português a par duma extremamente sólida estrutura musical, destaquemos a sua obra coral-sinfónica Inovação dos Lusíadas, cantata para 8 vozes mistas e grande orquestra com o texto das primeiras estrofes dos Lusíadas o grande poema épico de Luis de Camões.

Vianna da Motta soube casar ao alto canto do imortal cantor das glórias portuguesas das grandes épocas da expansão da fé e dos descobrimentos música grandiosa, aqui e além francamente iluminada pelo pitoresco da melódica orientalista, sempre de elevada inspiração e grande brilho, com a grandiosidade exigida pelo estilo grandiloquo e corrente do Poeta.

A primeira audição desta obra foi dada em 18 de Abril de 1915 no Teatro Nacional de S. Carlos, por Pedro Blanch, com um coro ensaiado por Fortê Rebelo e A. Joyce, com grande êxito. Começada a compor em Dezembro de 1897 completou-a mestre Vianna da Motta em Julho de 1913. Em Agosto e Setembro de 1938, o seu Autor submeteu-a a uma importante revisão pelo que podemos dizer que esta nova audição é como que uma segunda estreia.

A obra é dedicada ao Dr. A. Pedrosa e D. Elisa de Sousa Pedrosa, ilustre Presidente da Sociedade Coral de Lisboa.

José Blanc de Portugal.

LUDWIG VAN BEETHOVEN

(1770—1827)

«NONA SINFONIA EM RÉ MENOR» Op. 125

A Sinfonia com coro final sobre a ode de Schiller van die Freudes para quarteto solista, coro a quatro vozes e grande orquestra é a mais profunda expressão do amor de Beethoven pela humanidade como a Missa Solene representava a sua maior homenagem à Divindade exprimindo os seus sentimentos religiosos de católico embora não praticante.

A orquestra de Beethoven que progressivamente se fora enriquecendo, apresenta pela primeira vez na IX Sinfonia o flautim, o contra-fagote, quatro trompas (duas em todas as outras sinfonias e três na Terceira), os pratos, o triângulo e o bumbo além da contribuição coral que aliás ensaiara na Fantasia para piano, orquestra e coros.

Beethoven hesitava longamente sobre a utilização da voz nesta sinfonia que encontrou em Wagner um genial comentador literário-musical, que visava na IX Sinfonia a obra percussora do seu drama musical, síntese de todas as artes.

Beethoven, perseguido por todos os seus males físicos e morais, completamente surdo, atormentado por desgosto de família e sempre pobre, vai cantar a Alegria em formas duma canção inesperada que até aos nossos dias chocarão o conservantismo musical dos classicistas que com muita facilidade descobrem erros de construção numa fuga de Bach.

As compilações destas linhas é-lhe impossível fazer aqui um comentário literário ou musical que traga a mínima novidade. A própria sublimidade da obra disso o impede pelo respeito devido ao génio.

Deve notar-se que Beethoven apenas utilizou parte da ode A Alegria de Schiller. As palavras com que o barítono abre a contribuição vocal não pertencem ao poema de Schiller e devem atribuir-se a Beethoven.

Éis um análise muito sumária que servirá apenas para pontos de referência para os menos conhecedores tal como se pode ler em qualquer livro elementar.

Allegro ma non troppo, um pouco maestoso. Carta introdução seguindo-se a exposição pelas cordas do primeiro tema. O segundo tema é exposto pela flauta (tom de fá) seguindo-se um desenvolvimento (conduzindo a dó menor) e imediatamente a peroração com bateria.

Molto vivace. Presto (Scherzo). O andamento começa a tornar-se muito vivo. Os fagotes estabelecem um ritmo seguido pelas madeiras cada vez mais leves, cortado pelas pancadas dos timbales. Duas trompas cantam um tema largo de carácter popular precedido pelas escalas dos fagotes que circulam através de toda a massa sonora.

Adagio molto e cantabile. Andante moderato. As cordas cantam com paixão, bem como as flautas e o quarteto de trompas (em uníssono), pianissimo, contrasta com as chamadas do clarim.

Presto. Allegro assai vivace alla marcia. Andante maestoso. Adagio ma non troppo ma divoto. Allegro energico sempre ben marcato. Allegro ma non tanto. Poco adagio. Prestissimo-maestoso-prestissimo. Preferimos dar todas estas indicações de andamentos a resumir a indicação do movimento por nos parecer assim mais fácil a referência para o auditor menos treinado. Os metais preludiam com os violoncelos e contrabaixos que pela primeira vez entoam o tema da ode A Alegria. As violas retomam o tema com um contraponto de fagote a solo. Depois dum largo momento no registo grave irrompem os primeiros violinos e elementos dos metais. O barítono solista canta Agora não mais tais cantos... O solista alterna com o coro dos baixos. O barítono começa o texto de Schiller e inicia-se a colaboração do quarteto solista o que breve se vem juntar o coro. Novamente o quarteto solista e nova intervenção do coro conduzem até ao movimento de marcha em que o tenor solista incita à vitória pela alegria. A sua voz responde o coro com vozes desdobradas. Até aqui o movimento tem sido uma variação sobre o mesmo tema (variação amplificadora). Com o andante magistoso surge um novo tema: Milhões de almas... Para além das

estrelas mora um Pai... Abraçai-vos... No adágio (madeiras e violas, três trombones) e coro murmura Para além das estrelas deve irmãos mora um Pai repetindo esta frase sobre um trémolo das cordas. Uma dupla fuga reúne os dois motivos. Nas palavras Prosternai-vos... volta-se ao tema do andante magistoso. No allegro ma non tanto o quarteto solista tem a maior responsabilidade. O soprano sobe até a si natural num canto doce indescritível. O prestíssimo acaba num maestoso para a colaboração do coro com as habituais dificuldades da escrita de Beethoven. A Sinfonia termina, de novo, em prestíssimo.

Ides ouvir a obra que nos recusamos comentar. E nós nos orgulhamos de pertencer à mesma raça de homens que o mito de Prometeu simbolizou e Beethoven personalizou na Música.

José Blanc de Portugal.

COROS

Agora, não mais tais cantos!
Outros mais suaves cantemos, Amigos,
e cheios de alegria! (Beethoven)

DA ODE «A ALEGRIA»
de Frederico SCHILLER

Bela, oh! divina flama,
Filha de Eliseu, sem par,
Nós entramos, de alma em chama,
Alegria, em teu altar!

Tuus encantos harmonizam
Quanto a Vida separou!
Eis que os homens fraternizam
Onde pais, em teu voto!

A quem a sorte fagueira
Deu num amigo um tesouro,
Quem tem doce companhia
Venha unir-se neste coro!

E, mais, sobre a terra quem
Sua outra alma chamar!
Quem o não puder, porém,
Fuja de nós, a chorar...

Alegria os seres bebem
Dos seios da Natureza;
Bons e maus todos prosseguem
Em sua senda de beleza!

Besijos nos deu, na videira,
Um amigo até ao fim;
Volúpia, à larva vesteira;
No céu, glória ao querubim!

Leões, como as astros correm
P'la celeste imensidade,
Ide, Irmãos, na vossa marcha,
Como o herói à vitória.

Abraçai-vos, milhões de almas!
Dai um beijo ao mundo inteiro!
Para id do firmamento,
Deve, Irmãos, haver um Pai!

Prosternai-vos, milhões de almas?
O Criador presentes, Mundo?
Busca-o p'ra além das estrelas!
P'ra além das estrelas mora!

(Versão portuguesa do Dr. Francisco Fernandes Lopes)

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

DIA 16 DE ABRIL:

Direcção do maestro NAPOLEONE ANNOVAZZI

SOLISTAS: FLORINDA SANTOS — RACHELE RAVINA

DIA 17 DE ABRIL:

Direcção do maestro RUY COELHO

SOLISTAS: MARIA TERESA DE ALMEIDA — VARELLA CID
— PAULO MANSO



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

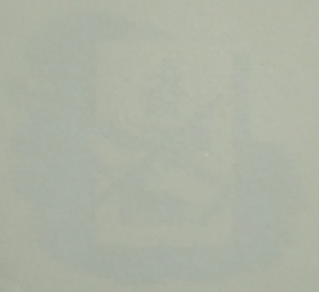
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



PREÇO 1\$00